RELAÇÃO COMPARATIVA DE EDIÇÕES ILUSTRADAS: *NARIZINHO ARREBITADO* E *REINAÇÕES DE NARIZINHO*, DE MONTEIRO LOBATO

Dra. CÁSSIA MACIEIRA
Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG)
Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil
(macieira.cassia@gmail.com)

RESUMO: O livro *A menina do narizinho arrebitado,* de Monteiro Lobato, foi publicado em 1920. Após a obra centenária ser declarada de domínio público, várias editoras investiram em edições comemorativas, como é o caso de *Reinações de Narizinho* (Companhia das Letrinhas, 2019). Os Estudos da Intermidialidade possibilitam entender o diálogo entre as mídias e artes, considerando a composição visual, as cores, a diagramação e, também, as relações mútuas. Este artigo investiga as diferentes relações nas duas edições supracitadas: semelhanças, contrastes e intermidialidade. A fundamentação teórica está alicerçada na obra *A intermidialidade e os estudos interartes na arte contemporânea*, com organização de Camila Figueiredo, Solange Oliveira e Thaïs Flores Diniz (FIGUEIREDO *et al.,* 2020), e no artigo *Intermidialidade*, de Claus Clüver (CLÜVER, 2011).

PALAVRAS-CHAVE: intermidialidade; livro ilustrado; ilustração.

Artigo recebido em: 07 ago. 2023.
Aceito em: 14 set. 2023.

MACIEIRA, Cássia. Relação comparativa de edições ilustradas: *Narizinho arrebitado* e *Reinações de narizinho*, de Monteiro Lobato. *Scripta Uniandrade*, v. 21, n. 3 (2023), p. 74-94.
Curitiba, Paraná, Brasil
Data de edição: 15 dez. 2023.

COMPARATIVE RELATIONSHIP OF *NARIZINHO ARREBITADO* AND *REINAÇÕES DE NARIZINHO*, BY MONTEIRO LOBATO

ABSTRACT: The book *A Menina do narizinho arrebitado*, by Monteiro Lobato, was published in 1920. After the century-old work was declared public domain, several publishers invested in commemorative editions, such as *Reinações de Narizinho* (Companhia das Letrinhas, 2019). Intermediality Studies make it possible to understand the dialogue between media and arts, considering visual composition, colors, layout, and mutual relationships. This article investigates the different relationships in the two editions: similarities, contrasts and intermediality. The theoretical foundation is based on the work *Intermedialidade e estudos interartes na arte contemporânea*, organized by Camila Figueiredo, Solange Oliveira and Thaïs Flores Diniz (FIGUEIREDO et al., 2020), and the article Intermediality, by Claus Clüver (CLÜVER, 2011).

KEYWORDS: intermidialidade; illustrated book; illustration.

É inelutável criar analogias entre obras similares, e é particularmente provocativo quando se tem o mesmo objeto plurimidiático, privilegiado em duas edições distintas: *A menina do narizinho arrebitado*, de Monteiro Lobato, com desenhos de Voltolino (LOBATO, 1982) e *Reinações de Narizinho* (LOBATO, 2019), com desenhos digitais da ilustradora Lole. A primeira obra foi reproduzida *(fac-símile*) e "lançada pela Metal Leve em 1982, no centenário de Monteiro Lobato, por iniciativa do bibliófilo José Mindlin" (AZEVEDO, 1997, p. 167), com 57 páginas, formato grande de 22 x 29 cm, capa dura, desenho a traço de Voltolino, imagens em 3 cores e em P&B (preto e branco). A segunda (2019) contou com projeto gráfico inovador da Companhia das Letrinhas.

A literatura de Lobato (1882-1948) continua arrebatadora[1] e contemplada em diferentes mídias: em 7 de setembro de1922, uma rádio carioca

[1] Monteiro Lobato foi um empresário paulista, tendo causado polêmica por questões estéticas e editoriais. Hoje, sua obra é criticada por racismo. Sobre o assunto. Cf.: 1)

MACIEIRA, Cássia. Relação comparativa de edições ilustradas: *Narizinho arrebitado* e *Reinações de narizinho*, de Monteiro Lobato. *Scripta Uniandrade*, v. 21, n. 3 (2023), p. 74-94.
Curitiba, Paraná, Brasil
Data de edição: 15 dez. 2023.

transmitiu a narração de *A menina do narizinho arrebitado*; em 1947, o texto ganhou adaptação para o teatro; em 1951, os personagens apareceram na extinta TV Tupi e, em 1953, no filme *O Saci*, dirigido por Rodolfo Nanni. As inúmeras edições comemorativas a partir de 2019 comprovam o interesse de editoras em validar o domínio público das obras de Lobato:

> O livro é um divisor de águas da literatura infantil no país. Foi revolucionário ao disseminar ideias avançadas relativas à família, à escola, à leitura e à infância naquelas primeiras décadas do século passado. Entre diversos outros aspectos, vale destacar que Lobato rompeu com a ideia de que livro para criança funciona como instrumento de disciplina, sendo ferramenta libertadora, expandindo a imaginação do jovem leitor[2].

O Saci é o primeiro texto publicado de Lobato, sem sua assinatura, em *O Estadinho* (1917), porque "O Saci-Pererê, resultado de um inquérito" seria lançado em 1918, mesmo ano da publicação de *Urupês* (14 contos), em brochura, livro destinado ao público adulto que, além de trazer o personagem Jeca Tatu, vem impregnado de marcas de oralidade e coloquialismo – inovações para o início do século XX.

Após editar *A menina do narizinho arrebitado*, Lobato passou a publicar, anualmente, narrativas com os mesmos personagens. Tal estímulo resultou de sua estratégia em doar 500 exemplares daquela obra para escolas, o que gerou uma encomenda posterior de mais de 50 mil exemplares[3] pelo então governador paulista Washington Luiz (1869-1957)[4].

Exposição virtual *Uma menina centenária: 100 anos de* Narizinho arrebitado. Disponível em: http://ameninacentenaria.bbm.usp.br/index.php/racismo-em-lobato/. Acesso em: 23 out.2023; 2) UMA *LIVE* antirracista! André Trigueiro e Djamila Ribeiro. *Vídeo 2020*. 25 jun. 2020. YouTube: André Trigueiro. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=HJZDo8V8Wf4. 3) QUALIDADE literária e racismo nos livros de Monteiro Lobato. *Vídeo 2022*. São Paulo, 22 out. 2022. YouTube: Colégio Santa Cruz. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=aKS48tD_avY. Acesso em: 23 out. 2023.

[2] Disponível em: https://www.blogdaletrinhas.com.br/conteudos/visualizar/A-nova-cara-da-turma-do-Sitio-do-Picapau-Amarelo. Acesso em: 21 set. 2023.

[3] "Buscando dar maior solidez à empresa, Lobato envereda pelo caminho já trilhado por quase todas as editoras, investindo no gênero didático, de consumo obrigatório. De início, lança um livro de leitura que, submetido à aprovação do governo de São Paulo, foi aceito e adotado para o uso no segundo ano de escolas públicas. Sob o título *Narizinho Arrebitado*, acabou recebendo elogio da crítica e do professorado, figurando no balanço de 1921 com uma edição de 50 mil exemplares" (AZEVEDO, 1997, p. 130).

[4] "O Governador do estado, Washington Luiz, durante uma inspeção nas escolas, observou como as crianças liam avidamente aquele novo livro e, assim, pediu a seu secretário do interior, Alarico Silveira (tio-avô de Ênio Silveira, da Civilização Brasileira) para fazer uma 'compra grande' para possibilitar que outras escolas pudessem usá-lo.

Figura 1 – Capas de *A menina do narizinho arrebitado* de 1920, 1921, 1922 e 1928 (5ª edição), respectivamente

Fonte: Disponível em: https://capasdelivrosbrasil.blogspot.com/2017/12/monteiro-lobato-a-menina-do-narizinho-arrebitado.html. Acesso em: 23 out. 2023.

Sobre a primeira edição do livro (1920), há capítulos, mas sem a marcação gráfica de "Capítulo 1", "Capítulo 2" etc. São eles: O som na beira do rio; A enfermaria; No palácio real; Depois da festa; A festa veneziana; A trama e O castigo. O texto original, ao ser inserido em *Reinações de Narizinho* (Companhia Editora Nacional, 1931), recebe o nome de *Narizinho arrebitado* e os "capítulos" mudam para: Narizinho; Uma vez...; No palácio; O bobinho; A costureira de fadas; A festa e o Major e A pílula falante.

Em 1921, Lobato altera[5] e amplia[6] seu livro, agregando narrativas autônomas que se tornam capítulos (há fontes bibliográficas que intitulam a nova edição como *Fábulas de Narizinho*). Tal "gesto editorial" advém da boa recepção (público escolar) do texto, da *expertise* comercial do autor, da narrativa imaginativa e fantasiosa: infância rural, estímulo à inventividade, infância sem o excesso punitivo dos pais, personagens reais em convívio com seres

No dia seguinte, Alarico indagou quantos exemplares havia disponíveis. Como Lobato lhe oferecesse quantos quisesse: dez, vinte, trinta mil..., ele considerou aquilo uma brincadeira e pediu trinta mil, percebendo seu erro apenas quando a encomenda foi adequadamente entregue. Os restantes vinte mil foram vendidos em oito meses, dando um lucro de 100 contos de réis, e uma segunda edição de dez mil exemplares foi posta à venda" (HALLEWELL, 1985, p. 260).

[5] "Talvez influenciado por Nietzsche, em quem admirava o fato de ser um autor inacabado, sempre se refazendo, Lobato sistematicamente reformulava seus textos, alterando nomes, mudando situações, enxugando ou acrescentando palavras e frases" (AZEVEDO, 1997, p. 167).

[6] Da obra ampliada (1921), além de *Narizinho arrebitado*, constam os seguintes capítulos, subdivididos em várias histórias: O Sitio do Picapau Amarelo; O Marquês de Rabicó; O casamento de Narizinho; Aventuras do príncipe; O Gato Félix; Cara de coruja; O irmão de Pinocchio; O circo de cavalinhos, Pena de papagaio e O pó de Pirlimpimpim. (N.A.)

inanimados. Além do surgimento de novos personagens, vale ressaltar que a mais carismática, a boneca de pano Emília[7], "passa a ganhar voz" – no sentido ficcional e mercadológico – após engolir a pílula do Doutor Caramujo.

Mas *Narizinho arrebitado* nasce assim: Laurence Hallewell (1929-), em *O Livro no Brasil: sua história*, afirma que Lobato começara a escrever suas narrativas para crianças a partir de uma partida de jogo de xadrez com o autor de *Madame Pommery*, Toledo Malta (pseudônimo de Hilário Tácito). Esse lhe teria contado a história de um peixinho que, segundo Lobato, não lhe saía da imaginação. Adicionada às lembranças pessoais de cenas da roça, tal história foi o estímulo para Monteiro Lobato consolidar sua trajetória na Literatura para a Infância brasileira:

Ele conta que Toledo Malta aparecera uma vez no escritório para uma partida de xadrez – atividade que tinha precedência até mesmo sobre o trabalho editorial – e perturbou sua concentração contando a história de um peixe que saíra da água e ficara tão habituado a viver no ar que, quando quis voltar ao seu elemento natural, morreu afogado. Logo que Malta foi embora, vitorioso, Lobato decidiu tirar algum proveito do incidente, elaborando aquele relato sob a forma de um conto, que publicou numa revista como a *História do peixinho que morreu afogado*. Contudo, intrigado pelo caráter desse peixinho, e recordando as histórias que Joaquina, ex-escrava[8] de seu pai, lhe contava na infância sobre lambaris, lagostins e outras criaturas antropomórficas como essas, aventurou-se a escrever todo um livro para crianças "nos intervalos entre as partidas de xadrez". Então, em um momento de loucura, decidiu publicar *A menina do narizinho arrebitado* numa tiragem de nada menos que 50.500 exemplares – número praticamente igual a toda a sua produção do ano anterior (1920) (HALLEWELL,1985, p. 259, grifo nosso).

A edição de *A menina do narizinho arrebitado*, 1920 [fac-símile 1982] traz a capa bem ornamentada, em cor verde e cores quentes (vermelho, ciano insaturado e amarelo) em contraste com o branco e preto, tudo isso: emoldurada por insetos antropomorfizados que contrastam com a imensa Narizinho, de roupa com bolinhas vermelhas. Em *A construção do livro* (1986), Emanuel Araújo atenta para a "ornamentação", que "da tradição manuscrita passou à

[7] Emília, ficcionalmente, nasce pelas mãos de Tia Nastácia, confeccionada em macela (erva medicinal), e tem até autobiografia: *Memórias da Emília* (LOBATO, 1954). A boneca corrobora o imaginário nacional, quando, por exemplo, os outros personagens se espantam com sua intelectualidade e presunção. Ela é uma criatura incompreensível, fala tanto asneiras quanto coisas sábias, tem "saídas" para tudo, não se aperta e tampouco se atrapalha. E, para alguns, Emília não tem coração. (N.A)

[8] É oportuno enfatizar a edição de *Narizinho arrebitado* (2019), que, por via de paratextos, atualiza a obra, além de configurar "frases e palavras racistas" como *hiperlinks* visando alertar cada vez que os termos inadequados aparecem no texto original. (N.A.).

arte gráfica o uso generalizado de ornamentação das páginas de rosto e no começo e fim de capítulos" (ARAÚJO, 1986, p. 276).

Na reedição do livro de Lobato (1920), a tipografia desenhada (*lettering*) em vermelho "brinca" com o leitor, fazendo fusão com as imagens, enquanto o nome do autor, sobre retângulo branco, contrasta e ao mesmo tempo está em harmonia com a cor branca, impressa nos insetos ilustrados.

Já a edição comemorativa de luxo da Companhia das Letras (2019) tem capa dura, 248 páginas, formato 20 x 27cm e ilustrações digitais. A obra foi organizada por Marisa Lajolo, com texto introdutório que contextualiza a narrativa lobatiana e "conversa" com o leitor acerca de questões polêmicas relacionadas ao livro. Ainda, demonstrando o sofisticado conceito editorial, há notas de rodapé, em formato de diálogo entre as personagens (estilo *hiperlink-chat*), que concorrem para o entendimento do vocabulário e hábitos dos brasileiros da década de 1920. Os paratextos são da professora de Teoria Literária Cilza Bignotto, que contemporiza a obra, lembrando-nos "o quanto o Brasil mudou; o quanto nós, leitores, somos diferentes dos leitores do passado; o quanto modificamos, com nossas leituras, as cenas que lemos"[9].

Figura 2 – Capa da primeira edição de *A menina do narizinho arrebitado* (1920) e capa de *Reinações de Narizinho* – edição comemorativa da Companhia das Letrinhas (2019)

Fonte: Acervo da autora.

[9] Disponível em: https://www.blogdaletrinhas.com.br/conteudos/visualizar/A-nova-cara-da-turma-do-Sitio-do-Picapau-Amarelo. Acesso em: 23 set. 2023.

O conjunto da obra de Monteiro Lobato (também produzida pelo autor) teve diferentes ilustradores[10], como: Voltolino (João Paulo Lemmo Lemmi /1884-1926), a arquiteta e artista plástica Odiléa Toscano (1934-2015), o quadrinista haitiano André LeBlanc (1921-1998), o genro de Lobato, o paulistano J. U. Campos (Jurandir Ubirajara Campos /1903-1972), o paulistano Paulo Ernesto Nesti (1943-2010). Também: o ilustrador alemão Kurt Weise (1887-1974), o paulistano Nino Borges (Sebastião de Camargo Borges /1897-?), o artista francês Jean Gabriel Villin (1906-1979), o cartunista Belmonte (Benedito Carneiro Bastos Barreto /1896-1947), o pintor francês Gustave Doré (1832-1883), o argentino Raphael de Lamo (?), Rodolpho Marques Cruz (?), o desenhista Augusto Mendes da Silva (AVGVSTVS[11] /1917-2008), o amazonense Percy de Mello Deane (1921-1994) e outros.

Em *A imagem na obra lobatiana* (2009), o autor e ilustrador Luiz Camargo destaca o posicionamento cuidadoso do editor Lobato ao imprimir, na quarta capa de *Novas Reinações de Narizinho* e em outras obras de 1933, a seguinte inscrição: "Todas estas edições de livros infantis são profusamente coloridas e em sólida cartonagem" (CAMARGO, 2009, p. 35). Camargo ainda salienta o apuro editorial de Lobato, evidenciado em carta de 1934, destinada ao amigo Rangel:

> Tenho em composição um livro absolutamente original, *Reinações de Narizinho* – consolidação num volume grande dessas aventuras que tenho publicado por partes, com melhorias, aumentos e unificações num todo harmonioso. Trezentas páginas em corpo 10 – livro para ler, não para ver, como esses de papel grosso e mais desenhos do que texto (LOBATO, 1934 citado em CAMARGO, 2009, p. 37, grifo nosso).

O pesquisador também evidencia o crédito que Lobato deu às ilustrações, quando incluiu, em letras maiúsculas, na edição de 1920 que Voltolino ilustrara: "LIVRO DE FIGURAS POR MONTEIRO LOBATO COM DESENHOS DE VOLTOLINO". Entretanto, a adoção do nome do ilustrador ao lado do nome do escritor não se repetiu na obra lobatiana; inclusive, raramente se viu tal procedimento em outros livros durante o século passado.

O ilustrador, caricaturista e capista Voltolino, de nome próprio João Paulo Lemmo Lemmi, filho de imigrantes italianos que encantou Lobato com seu traço, "realiza um ajuste da arte com o cotidiano que é uma das maneiras de se aproximar arte e história" (BELUZZO, 1992, p. 7). Ilustrou importantes

[10] Cf.: Pesquisa completa em: LAGUNA, 2022.
[11] Cf.: Entrevista com Augusto Mendes da Silva. Disponível em: https://www.claudiosuenaga.com.br/post/690908918263709696/augustomendesdasilva. Acesso em: 19 set. 2023.

periódicos como *O Pirralho* (1911-1918) e foi colaborador das revistas *O Malho* (1902-1952) e *A Cigarra* (1914-1975), além de criador do personagem Juó Bananére (pseudônimo usado pelo escritor Alexandre Ribeiro Marcondes Machado para criar obras literárias no dialeto da colônia italiana de São Paulo).[12] Por vezes considerado o mais importante desenhista de humor da capital paulista, nas primeiras décadas do século XX, foi precursor do Modernismo, segundo Ana Maria de Moraes Belluzzo, autora de *Voltolino e as raízes do Modernismo* (1992). Reconhece-se, no gesto do caricaturista, o poder de síntese visual e, nesse sentido, pode-se afirmar que o traço rápido acaba sugerindo modos repetidos, conferindo ao desenhista um estilo singular.

Figura 4 – Ilustrações de Voltolino para *Narizinho arrebitado* (1920). À esquerda, a primeira aparição de Emília para os leitores. À direita, Dona Benta, Narizinho com Emília e Tia Nastácia.

Fonte: LOBATO, 1982, p. 4 e 3, respectivamente.

Ao ilustrar, a traço, a edição de *Narizinho arrebitado* (1920), Voltolino cria a primeira imagem dos personagens, inaugurando uma saga icônica lobatiana. Para o livro, o artista se valeu tanto de blocos de imagens delimitados por cores quanto por boxes (molduras) para inserir as ilustrações: personagens e/ou cenas mais complexas.

[12] https://blog.bbm.usp.br/2021/na-marginalia-da-pauliceia-o-personagem-autor-juo-bananere/ Acesso em 20 set 2023.

Figura 5 – Composição visual do miolo de *Narizinho arrebitado* (1920), com ilustrações de Voltolino

Fonte: LOBATO, 1982, p. 22, 39 e 10, respectivamente.

Percebe-se que, no contexto referenciado, há perda da harmonia visual da página devido ao uso da moldura: ao "engaiolar" imagens (cenas visuais), estabeleceu-se um "ruído" ou contraste com as outras páginas, interrompendo-se o ritmo da leitura. Embora a moldura seja um elemento da linguagem gráfica que está a serviço da composição e da organização das linhas de força, no caso de Voltolino, o *layout* fica bem mais harmonioso quando o artista mantém a organicidade nas imagens, ou seja, não as "fecha".

> Para quer fechar uma imagem? Trata-se, em primeiro lugar, de delimitar, de marcar uma representação, quer a moldura seja traçada antes ou depois da execução do desenho. A moldura possibilita, sobretudo, definir um espaço narrativo contendo uma unidade dentro da narrativa por imagens. A dimensão específica de uma moldura tem, além disso, um efeito primordial sobre a composição da imagem. A coerência plástica da imagem irá depender e muito dessa moldura: ela constitui um espaço fechado que é também uma figura geométrica, dotada de um centro a partir do qual se aprecia prioritariamente a composição de uma imagem. O equilíbrio entre as grandes massas e a organização das linhas de força são amplamente percebidos em função da moldura da imagem (LINDEN, 2018, p. 71).

Por outro lado, quando ele utiliza a demarcação irregular com cores, no meio da página, suscita o "mundo mágico da fantasia". Sem dúvida, não é um

fator que compromete a qualidade plástica da arte de Voltolino, tampouco a de Lobato; ao contrário, convém sublinhar que permanece o jogo semântico pela imensa picturalidade e riqueza do traço do ilustrador.

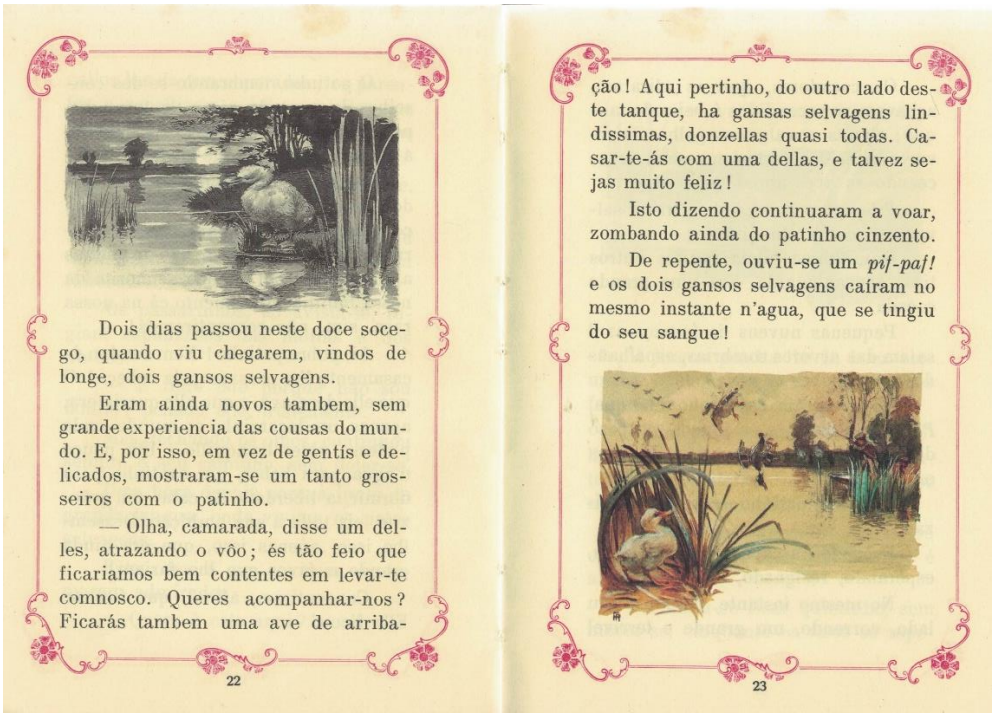
O esteta Lobato acompanhava as obras "de perto" e, por ser também ilustrador e pintor[13], pressupõe-se que tenha escolhido o renomado caricaturista Voltolino, vislumbrando o pacto "imagem x letra", com olhar curatorial. Mais tarde, munido do resultado da recepção de seu livro, ele tomaria decisões ainda mais promissoras:

> Outra novidade da revolução editorial promovida por Lobato foi a mudança no padrão gráfico do livro, através de uma programação visual sofisticada e tipografia elegante, atentando, ao mesmo tempo, para a revisão rigorosa da composição e provas finais. Objetivando cativar e conquistar um número cada vez mais amplo de leitores, contrata artistas para "substituir as monótonas capas tipográficas pelas capas desenhadas", tornando seu produto mais atraente aos olhos do consumidor. "Os balcões das livrarias encheram-se de livros com capas berrantes, vivamente coloridas, em contraste com a monotonia das eternas capas amarelas das brochuras francesas" (AZEVEDO, 1997, p. 130-131).

Pode-se aventar que há referências pragmáticas ou agradáveis do ponto de vista da percepção visual e da diagramação, as quais, em determinados períodos, chegaram (ou continuam) a influenciar os projetos gráficos editoriais do século passado até então. Como na edição *O Patinho Feio* (1915), de Hans Christian Andersen (1805-1875), obra que circulou no Brasil no início do século XX. A obra tem ilustrações de Francisco Richter (Franta Richter ou Franz Richter /1872-1964), "pintor tcheco radicado em São Paulo desde 1914, e que se tornou ilustrador de quase toda a Biblioteca Infantil, da *Série Encanto e Verdade* e de dezenas de outros livros" (COELHO, 1990, p. 2).

[13] "Lobato desejara ser pintor – ilustraria depois diversos de seus próprios livros" (HALLEWELL, 1985, p. 237).

Figura 6 – Páginas de *O Patinho Feio*, de Hans Christian Andersen (1915).



Dois dias passou neste doce socego, quando viu chegarem, vindos de longe, dois gansos selvagens.

Eram ainda novos tambem, sem grande experiencia das cousas do mundo. E, por isso, em vez de gentís e delicados, mostraram-se um tanto grosseiros com o patinho.

— Olha, camarada, disse um delles, atrazando o vôo; és tão feio que ficariamos bem contentes em levar-te comnosco. Queres acompanhar-nos? Ficarás tambem uma ave de arriba-

22

ção! Aqui pertinho, do outro lado deste tanque, ha gansas selvagens lindissimas, donzellas quasi todas. Casar-te-ás com uma dellas, e talvez sejas muito feliz!

Isto dizendo continuaram a voar, zombando ainda do patinho cinzento.

De repente, ouviu-se um *piſ-paf!* e os dois gansos selvagens caíram no mesmo instante n'agua, que se tingiu do seu sangue!

23

Fonte: ANDERSEN, 1915, p. 22-23.

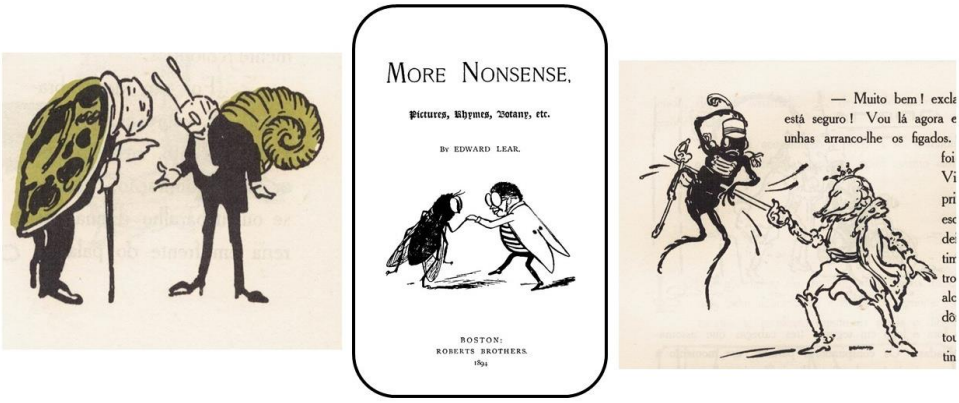
Outra referência da literatura, de imensa picturalidade, que certamente Lobato e Voltolino conheceram, é a obra *Book of Nonsense*, do inglês Edward Lear (1812-1888), em circulação no Brasil no princípio do século passado. O trabalho de Lear[14] "fornece um exemplo quase único de texto e imagem perfeitamente combinados, de forma alguma o resultado inevitável de um autor ilustrando seus próprios escritos" (BLAND, 1958, p. 256).

Na Figura 7 (segunda imagem), vê-se um homem de olhos esbugalhados dançando valsa com a mosca gigante, bem atenta aos passos. Lear era ilustrador para a *Zoological Society of London* (Sociedade Zoológica de Londres), em 1831, e considerado um dos precursores do Surrealismo. Antropomorfizar

[14] "O trabalho de Edward Lear era todo preto e branco, desde o *Book Of Nonsense* [...], impresso por litografia em 1846 até *Laughable Lyrics* em 1877. Seu trabalho deve ter sido revolucionário quando apareceu pela primeira vez, por nortear como nunca tinha sido visto antes, e foi igualmente revolucionário no final, embora não tivesse se desenvolvido de todo. [...] Mas então o verso de Lear era tão novo quanto os seus desenhos e um é impensável sem o Outro. E se seu estilo de desenho teve pouca influência na ilustração contemporânea, sua atitude para com as crianças teve um efeito que dificilmente pode ser exagerado. Embora sua fantasia fosse inimitável, foi devido a ele que o entretenimento ocupava mais espaço do que a instrução nos livros infantis do final da era vitoriana (BLAND, 1958, p. 256. Tradução nossa. Grifo nosso).

objetos e insetos, enfeitando-os de fraque ou traje de cerimónia, remete-nos ao cunho lúdico (ou de fácil adesão) e, consequentemente, provoca o riso. Tais recursos também são comuns na caricatura que Voltolino praticava diariamente e o brasileiro pode ter reconhecido, nas ilustrações de Lear, o mesmo humor que empregava em suas sátiras.

Figura 7 – À esquerda e à direita, figuras antropomorfas de Voltolino para *Narizinho arrebitado* (1920). No centro, capa da obra *More Nonsense, Rhymes, Botany etc.* (1872), com litografia de Edward Lear.

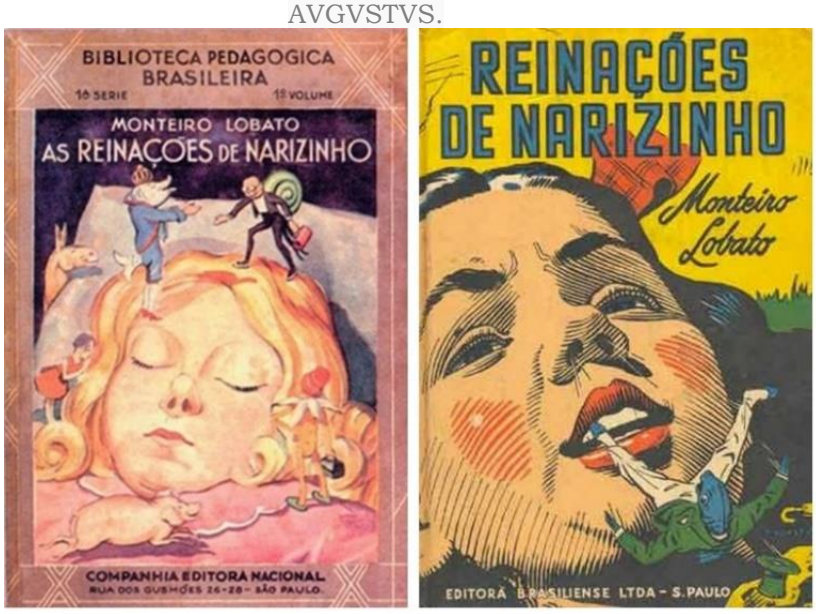


Fonte: a e c) (LOBATO, 1920, p. 25 e 42, respectivamente); b) Disponível em: https://br.pinterest.com/pin/240590805063084268/. Acesso em: 20 set. 2023.

Sobre a edição de 2019, sobre a ilustradora, sabe-se que: a ilustradora Lole[15], Alessandra Lemos, premiada com o Jabuti[16] em 2021, angariou experiência como Diretora de Arte na área da publicidade. "Fã confessa do surrealismo, ela tem apreço especial pela aquarela, técnica que define como 'incontrolável', o que é muito libertador"[17]. É igualmente notório o seu vínculo com o viés onírico, como se atesta na capa da edição de luxo da Companhia das Letrinhas (2019): há predomínio da cor azul e a personagem Narizinho ascende ao céu, levando Emília no bolso do vestido.

[15] Cf.: Maiores informações sobre a ilustradora. Disponível em: https://www.instagram.com/loleland/. Acesso em: 24 out. 2023.
[16] Prêmio conferido à obra *Lá dentro tem coisa*. Ilustrações de Lole e texto de Adriana Falcão. São Paulo: Salamandra, 2020.
[17] Disponível em: https://www.blogdaletrinhas.com.br/conteudos/visualizar/A-nova-cara-da-turma-do-Sitio-do-Picapau-Amarelo. Acesso em: 24 out. 2023.

Figura 8 – À esquerda, capa de *As Reinações de Narizinho* (1931). Ilustração de Jean G. Villin. À direita, capa de *Reinações de Narizinho* (1955). Ilustração de AVGVSTVS.



Fonte: a) Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Reina%C3%A7%C3%B5es_de_Narizinho. Acesso em: 24 out. 2023; b) Disponível em: https://capasdelivrosbrasil.blogspot.com/2016/11/livros-infantis-monteiro-lobato-decada-1950-e-1960.html. Acesso em: 24 out. 2023.

Torna-se estimulante questionar os motivos que fundamentaram as reedições comemorativas de *Reinações de Narizinho*, no século XXI: por exemplo, o fato de o autor ser conhecido (legitimado/premiado) pelos leitores – avós e pais das crianças de hoje – assegura um bom resultado nas vendas? Usufruir da herança que os personagens lobatianos da TV, das HQs e da indústria de brinquedos deixam para as diferentes gerações faz o mercado editorial lograr mais leitores (e maior lucro)? Reeditar a obra de Lobato envolve a premissa de renovar os projetos gráficos e as ilustrações, e o posicionamento[18] contra o racismo, como fez a Companhia das Letrinhas? É projeto ideológico ou comercial apostar em obra de domínio público?

As vantagens de qualquer edição de Lobato, neste século, resultam, em considerável aparato tecnológico disponível no mercado gráfico. Hoje, a "mídia" ilustração compõe, com maior propriedade, o "jogo semântico visual" do projeto

[18] MACIEL, Nahima. *Nova edição de* Reinações de Narizinho *discute racismo e machismo*. Correio Brasiliense. Publicado em 07 março de 2019. Disponível em: https://blogs.correiobraziliense.com.br/leiodetudo/nova-edicao-reinacoes-narizinho-racismo-machismo/. Acesso em: 30 set. 2023.

editorial. Nesse sentido, a constituição de cada mídia – *grid*[19], tipografia, cores, tamanho da fonte, espaçamento das bordas, lombada, capa, paratextos – potencializa-se na composição visual final.

Figura 9 – A boneca de pano Emília, de cabelos roxos, da ilustradora Lole.

Fonte: LOBATO, 2019, detalhe da capa, p. 102 e p. 27, respectivamente.

Na edição comemorativa da Companhia das Letrinhas (2019), teve-se o texto de Lobato extraído da edição de 1947 (Ed. Brasiliense), de cujas decisões editoriais se pode presumir a perspectiva de produção de um livro ilustrado. Para cooptar o(a) leitor(a) e, também, os "herdeiros de Lobato", notam-se, de imediato, procedimentos editoriais cuidadosos desde a capa. A guarda[20] do livro repete a ilustração de 1947, de J. U. Campos[21], e a capa e o projeto gráfico são de Juliana Vidigal[22].

[19] Conjunto de linhas que são traçadas ou projetadas objetivando guiar ou dar forma a um projeto gráfico. (N.A.)
[20] "Algumas páginas de guarda decorativas trazem motivos que se repetem. Lembram o papel de parede, com o qual a página de guarda tem uma ligação histórica, já que no século XVIII ambos eram fabricados pelos *dominotiers*, [...] fabricantes de papéis marmorizados que revestiam alguns jogos, por exemplo, os dominós. É comum identificarmos os vestígios dos primeiros papéis estampados com motivos repetidos que revestiam os livros do século XVIII (LINDEN, 2018, p. 59, grifo nosso).
[21] J. U. Campos – Jurandyr Ubirajara Campos. Desenhista, ilustrador e pintor paulista. Em 1928, embarca para os Estados Unidos, onde trabalha como desenhista e propagandista do *The New York Times*. É possível notar nas ilustrações de J.U. Campos a influência deste período. O ilustrador era genro de Monteiro Lobato e lhe deu a neta Joyce. Disponível em: https://www.sescsp.org.br/os-ilustradores-de-lobato/. Acesso em: 23 set. 2023.
[22] Cf.: Disponível em: https://www.instagram.com/juvidigal/. Acesso em: 30 set. 2023.

Figura 10 – "Folha de Guarda" de duas edições de livros de Lobato. À esquerda, desenhos de Voltolino. À direita, desenhos de J.U. Campos.

Fonte: a) LOBATO, 1982; b) LOBATO, 2019.

Os profissionais responsáveis pelo projeto editorial da edição da Companhia das Letrinhas estavam atentos ao fato de que as ilustrações não são mais subordinadas aos textos (verbais), pois elas também são narrativas que, por vezes, expressam o silêncio, delineiam o invisível do texto. Ciente disso, a ilustradora Lole, com seu "gesto surrealista" e à revelia da lógica (autonomia em abolir convenções espaciais e de cores) pode ter feito um pacto de verossimilhança com Lobato, como pode ser comprovado pelos personagens singulares, inventivos criados por ela. Também, o conjunto de elementos visuais escolhido pela artista incrementa a experiência estética do(a) leitor(a) com o suporte plurimidiático: cor azul esverdeada, o verde azulado dos títulos, *grid*, espaçamento das margens, tipografia "NARIZINHO" ornamentada, capitulares lúdicas no início de cada capítulo, vinhetas, ilustrações sem molduras, subtítulo em cores.

Esse "gesto curatorial" entre editores e ilustradora oportuniza-nos elencar algumas particularidades que estão em jogo na produção do livro ilustrado: geralmente, há pistas/detalhes nas imagens que o(a) leitor(a) terá de descobrir; a ilustração pode enfocar algo que o texto escondeu e/ou contrapor; é na soma da letra & imagem que a "poética acontece" e tal encontro pode ser sofisticado; as narrativas (verbal e imagética) assimilam códigos e convenções e/ou brincam com as "decodificações do sistema representacional"; pode-se ter um ou vários pontos de vista do narrador; o livro começa na capa, mediante

assertivo pacto estético entre editor, projeto gráfico, ilustrador e texto. Tudo isso comprova que o livro ilustrado não deve ser uma mídia "adocicada" ou moralista, mas aquela que não subestima o(a) leitor(a), que o "lança para outros territórios" porque sabe que ele(a) "lê as entrelinhas".

No século XXI, no modo de recepção de uma obra, nem sempre o(a) leitor(a) consegue identificar se a ilustração é digital, já que a tecnologia opera o mimetismo com diferentes ferramentas. A ilustração digital está presente desde os anos 1970, e, de lá para cá, é fonte de interesse e inventividade para cientistas e artistas que vêm experimentando o aparato tecnológico até chegarem nas atuais mesa e caneta digitalizadora[23]. Colocando-se as edições de *A menina do narizinho arrebitado* (1982) e *Reinações de Narizinho* (2019) uma ao lado da outra, é possível constatar que a tecnologia da indústria gráfica proporcionou que as intenções estéticas e o prazer da leitura vigorassem – ao invés de serem reféns de pressupostos atinentes à impressão.

Todavia, há projetos que transcorrem de forma híbrida – o ilustrador ou designer inicia o trabalho (técnica) na prancheta (meio físico) e o termina no modo digital. Cada profissional tem seu processo, referências, repertórios etc. No caso de Lole, mesmo não tendo recorrido às referências de ilustradores lobatianos, ela cita outras mídias e nomes como "modelos surrealistas ou *nonsenses*" que impulsionam sua criação:

> Lole, que conhecia a obra lobatiana a partir da série de TV, assim como diversas crianças de sua geração, costuma trabalhar os primeiros *rafes* de um projeto diretamente no *tablet*, suporte que permite desenvolver a ideia central do desenho de modo mais ágil. O passo seguinte é criar a arte em aquarela de grafite, que nada mais é do que uma tinta aquarela com cor e aspecto de grafite, um material que adquire em Portugal e o qual estoca em casa (por garantia, pois "vai que acaba!"). Depois, as ilustrações são escaneadas e coloridas digitalmente, no computador. A pintura é feita com um pincel simples, resultando numa cor chapada, sólida, escolhida de uma paleta que traz a marca da artista. [...] Entre as referências visuais de Lole, estão o surrealismo *pop* do americano Alex Gross, os enquadramentos inusitados da francesa Rébecca Dautremer, a narrativa visual *nonsense* do mestre americano Dr. Seuss, além das obras do alemão Olaf Hajek, da portuguesa Paula Rego e da italiana Beatrice Alemagna, outras fortes

[23] Trata-se de um dispositivo que se assemelha, na forma física, a um *tablet*: a tela funciona como um papel que receberá os traços do desenhista, feitos com a ponta da caneta. A ação de clique com o botão esquerdo do *mouse* é executada usando-se um *software*.

> inspirações na tarefa de romper os limites entre realidade e fantasia tão presentes em suas criações – e também na obra infantil de Monteiro Lobato[24]. (Grifo nosso.)

A ilustradora, a designer e os editores de *Reinações de Narizinho* (2019) combinaram suas escolhas regidos pelas leis da pregnância visual , criando a obra coletivamente. Desse pacto estético-visual, declarado ou não, assume-se que os envolvidos: intencionaram uma unidade visual e o cuidado com a diagramação; lidaram com unificação/segregação; elegeram a tipografia, os blocos ou manchas gráficas e qual seria a relação texto x imagem; acordaram os recursos de proximidade e semelhança na composição visual; definiram conceitos de similitude e espaçamento. Sem dúvida, isso desencadeou o jogo lúdico com o estatuto do livro, certos de que a herança lobatiana é a da fantasia.

Diante do exposto, confirmam-se alguns vetores que justificam a reedição de *Reinações de Narizinho*, os quais nos propiciam compreendê-la sob a perspectiva dos Estudos da Intermidialidade[25]: o diálogo entre as mídias (texto, ilustração, tipografia) e as artes, levando em conta os diferentes suportes. Segundo Claus Clüver (2006), intermidialidade diz respeito "não só àquilo que nós designamos ainda amplamente como 'artes' (Música, Literatura, Dança, Pintura e demais Artes Plásticas, Arquitetura, bem como formas mistas, como Ópera, Teatro e Cinema), mas também às 'mídias' e seus textos" (CLÜVER, 2006, p. 18-19).

Por fim, nessa "reação criativa" (*Reinações de Narizinho*/2019) ao imaginário lobatiano há, pois, uma "intempestividade do contemporâneo" por parte da equipe editorial, ilustradora e designer gráfica – de pertencimento à atualidade, ao mesmo tempo que buscam entendê-la – valendo-se, assim, da fantasia lobatiana. Uma inventividade coletiva para dissociar e anacronizar, posto que tais comprometimentos "coincidem muito plenamente com a época, em todos os aspectos a esta aderem perfeitamente, [mas] não são contemporâneos porque, exatamente por isso, não conseguem vê-la, não podem manter fixo o olhar sobre ela" (AGAMBEN, 2009, p. 59). Tal contraponto agambeniano alude à impossibilidade de se aderir ao tempo presente sem atritos e em total harmonia com ele. Daí, se reitera que reeditar Lobato, um século depois de lançada sua primeira obra, optando-se por uma mídia digital,

[24] Disponível em: https://www.blogdaletrinhas.com.br/conteudos/visualizar/A-nova-cara-da-turma-do-Sitio-do-Picapau-Amarelo. Acesso em: 23 set. 2023.
[25] Cf.: Desenvolvimento e historicidade do termo em: CLÜVER, 2006, p. 11-41.

(ilustração) é, por si só, um modo intempestivo que, por exemplo, avaliza a re(apresentação) de peixes flutuando e uma Emília com vasta cabeleira roxa.

A afirmação "todas as mídias são mídias mistas", de W. J. T. Mitchel[26] (1942-), reiterada por Jørgen Bruhn[27] em *O que é midialidade, e (como) isso importa? Termos teóricos e metodologia,* é aplicada, nesta investigação, sobre a mídia-estética *Reinações de Narizinho*, asseverando-se que ilustração, diagramação, tipografia, lombada e paratextos se oferecem em um único suporte ("heteromidialidade" ou "constelação mista"[28], integração de mídias). Aliás, também se pode nomear o livro em questão como objeto plurimidiático, uma vez que nenhuma mídia é independente da outra: todas se fundem e se oferecem como objeto estético. Como ambas as edições aqui confrontadas são coloridas e inventivas (textos verbal e não verbal), é correto aferir que os *layouts* são mistos intrinsicamente.

As duas obras analisadas são saturadas de picturalidade, de caráter "inter-relação entre as mídias" (CLUVER, 2011, p. 15) e enfatizam a materialidade visual. E, enquanto signos, não lhes escapa o predicativo de fetichizadas: uma, pelo fator nostálgico de ser a primeira edição, e a outra, por trazer signos midiáticos tecnológicos associado à capa dura, muitas páginas, etc.... Os signos que as compõem (capa colorida, formato incomum, recursos para antecipar o leitor ao miolo etc.) recuperam e reforçam o mundo fantasioso do texto lobatiano. Logicamente, os diferentes leitores terão sua própria recepção porque, segundo Clüver (2006), aquilo que se apresenta à compreensão, interpretação e reação crítica como texto "é moldado simultânea e espontaneamente através das respectivas convenções de recepção vigentes, de atitudes ideológicas e de interferências intertextuais" (CLUVER, 2006, p. 7).

Ao reeditar *Reinações de Narizinho*, a equipe da Companhia das Letrinhas manteve o texto da década de 1940, investiu em projeto gráfico que envolve a visualidade completa das ilustrações, apostou no talento de uma jovem artista, além de inserir um "gesto ético" – paratexto que contemporiza questões

[26] William John Thomas Mitchell é um professor de História da Arte na Universidade de Chicago. Também é editor do *Critical Inquiry*, e contribui para o Diário *October.* Suas monografias *Iconology* (1986) e *Picture Theory* (1994) concentram-se na influência da mídia e cultura visual. (Tradução nossa). Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/William_John_Thomas_Mitchell. Acesso em: 25 out. 2023.

[27] Jørgen Bruhn é professor de Literatura Comparada na Universidade de Linnaeus, em Växjö, na Suécia. Organizou, com outros autores, o livro *Adaptation Studies: New Approaches, New Challenges* (2013) e publicou *Intermediality and Narrative Literature; Medialities Matter* (2016). (Tradução nossa. Grifo nosso.) Disponível em: https://lnu.se/en/staff/jorgen.bruhn/. Acesso em: 25 out. 2023.

[28] O termo "heteromidialidade" ou "constelação mista" é um empréstimo a Jørgen Bruhn.

polêmicas da literatura lobatiana. Pela perspectiva dos Estudos da Intermidialidade (e da Semiótica), tal operação (reação criativa da equipe) pode ser reconhecida como "reescritura" e "recitação". Ademais, entre ambas as edições há uma rivalização (diferenças estruturais e conceituais) e uma relação **inter**midiática (o prefixo **inter** expressa reciprocidade e caráter mútuo).

Acerca do signo "ilustração" de Lole e Voltolino, pode-se confirmar que operaram de maneira intersemiótica, pois interpretaram o texto de Lobato com inventividade – do atributo verbal ao não verbal. Não há subtração se suas imagens remediam a de outros ilustradores porque todas as mídias são mistas e inexiste o "des-ver".

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. *O que é o contemporâneo?* e outros ensaios. Tradução de Vinicius Nicastro Honesco. Chapecó: Argos, 2009.

ANDERSEN, H. C. *O Patinho Feio*. Livro 1. Edição *fac-símile* organizada por Arnaldo de Oliveira Barreto. Cia Melhoramentos de São Paulo e Ripasa S.A. Celulose e Papel. São Paulo e Rio de Janeiro: Biblioteca Infantil e Editores-Proprietários Weizflog Irmãos, 1915.

ARAÚJO, E. *A construção do livro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

AZEVEDO, C. L. de. (Org.) *Monteiro Lobato*: furacão na Botocúndia. São Paulo: Ed. SENAC, 1997.

BELUZZO, A. M. de M. *Voltolino e as raízes do Modernismo*. São Paulo: Marco Zero, Coedição com o Programa Nacional do Centenário da República e Bicentenário da Inconfidência Mineira MCT/CNPq e Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, 1992.

BIGNOTTO, C. Curiosidades sobre Reinações de Narizinho. *In*: LOBATO, M. *Reinações de Narizinho*. Organização de Marisa Lajolo. Ilustrações de Lole. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2019.

BLAND, D. *A history of book illustration*. The Illuminated Manuscript and the Printed Book. London: Faber and Faber Limited, 1958.

BRUHN, J. O que é midialidade, e (como) isso importa? Termos teóricos e metodologia. *In:* FIGUEIREDO, C. A. P. de; OLIVEIRA, S. R. de; DINIZ, T. F. N. *A intermidialidade e os estudos interartes na arte contemporânea.* Santa Maria: Ed. UFSM, 2020, p. 15-54.

CAMARGO, L. A imagem na obra lobatiana. *In*: LAJOLO, M.; CECCANTINI, J. L. *Monteiro Lobato, livro a livro*. São Paulo: Ed. UNESP: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

CLÜVER, C. Inter Textus /Inter Artes /Inter Media. *Aletria*: Revista do Departamento de Estudos Literários, Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, n. 14, p. 11-41, jul./dez. 2006.

CLÜVER, C. Intermidialidade. *PÓS: Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes* (EBA/UFMG), Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 8–23, nov. 2011. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/15413. Acesso em: 22 set. 2023.

COELHO, N. N. Um século com o patinho feio. *In:* ANDERSEN, H. C. *O Patinho Feio*. Livro 1. Edição *fac-símile* organizada por Arnaldo de Oliveira Barreto. Cia Melhoramentos de São Paulo e Ripasa S.A. Celulose e Papel. São Paulo e Rio de Janeiro: Biblioteca Infantil e Editores-Proprietários Weizflog Irmãos, 1915, s/p.

ERALLDO, D. 10 Grandes ilustradores da obra de Monteiro Lobato. Listas literárias. 2017. Disponível em: https://www.listasliterarias.com/2017/11/10-grandes-ilustradores-da-obra-de.html. Acesso em: 22 mar. 2022.

FARIAS, F. R.; FERNANDES, C. A. Apontamentos sobre livros para crianças no Brasil: criação, edição e circulação. *In*: PINHEIRO, M. P.; TOLENTINO, J. M. A. (Org.) *Literatura infantil e juvenil:* campo, materialidade e produção. Belo Horizonte: Moinhos; Contafios, 2019.

FIGUEIREDO, C. A. P. de; OLIVEIRA, S. R. de; DINIZ, T. F. N. *A intermidialidade e os estudos interartes na arte contemporânea.* Santa Maria: Ed. UFSM, 2020,

HALLEWELL, L. *O Livro no Brasil*: sua história. São Paulo: Edusp, 1985.

HOEK, L. A transposição intersemiótica: por uma classificação pragmática. *In*: ARBEX, M. (Org.) *Poéticas do visível:* ensaios sobre a escrita e a imagem. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, 2006.

LAGUNA, Á. *Os ilustradores das obras de Monteiro Lobato*. Ribeirão Preto: Ed. FUNPEC, 2022.

LEAR, E. *More Nonsense, Rhymes, Botany etc*. London: Published by Robert John Bush, 1872.

LINDEN, S. Van der. *Para ler o livro ilustrado*. São Paulo: SESI-SP, 2018.

LOBATO, M. *Reinações de Narizinho*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1931.

LOBATO, M. *A menina do narizinho arrebitado*. Edição Fac-similar. Ilustrações de Voltolino. Editada pela Metal Leve e cooperação da Biblioteca Infantil Monteiro Lobado, da Prefeitura Municipal de São Paulo. São Paulo: Impressão Marcondes Gráfica Editora Ltda., 1982.

LOBATO, M. *A menina do narizinho arrebitado* – Livro de figuras. Ilustrações de Voltolino. Edição da Revista do Brasil, Monteiro Lobato & Comp., São Paulo, 1920.

LOBATO, M. *A menina do narizinho arrebitado* – Livro de figuras. Ilustrações de Agostinho Ornellas *et al*. Coordenação Editorial: Mônica Martins. Produtor Editorial: José Prado. Niterói: MOMA, 2021.

LOBATO, M. *Reinações de Narizinho*. Organização de Marisa Lajolo. Ilustrações de Lole. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2019.

LOBATO, M. *Memórias da Emília*. São Paulo: Brasiliense, 1954.

SANTIAGO, S. Monteiro Lobato hoje. Ponto e vírgula. *In*: SANTIAGO, Silviano. *Ora (direis) puxar conversa*! Ensaios literários. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.

CÁSSIA MACIEIRA é mestre em Artes Visuais pela Universidade Federal de Minas Gerais (2001) e doutora em Literatura Comparada pela mesma instituição (2014). Atualmente é professora e pesquisadora no Curso de Artes Plásticas (Bacharel e Licenciatura) na UEMG – Universidade do Estado de Minas Gerais. Dentre suas publicações estão os artigos: “Iconicidade diálogo intermidial: A galinha e outros bichos inteligentes, de Guto Lacaz e Ronald Polito”, 2020; “Sobre infância e representação pictural: a boneca em três versões de A cinderela das bonecas, de Ruth Rocha”, 2022; “Poética de Mais com mais dá menos: diálogo intermitente entre camadas, colagens, capas, cores, manchas, páginas, palavras, silhuetas e monotipias”, 2019.